

A ESCOLA NÃO PODE SE EXIMIR DO COMPROMISSO DE AJUDAR OS ALUNOS A APRENDER A LER E ESCREVER

Francisco de Assis Lucas de Oliveira
Josefa Nailza Freitas de Araujo Lucena Oliveira

RESUMO

É obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida.

Palavras-chave: Escrita, Leitura, Escola.

INTRODUÇÃO

Como a escola não pode se eximir do compromisso de ajudar os alunos a aprenderem a ler e escrever, será preciso que ela assuma a implementação de um projeto coletivo entre os professores, no qual em todas as disciplinas do currículo escolar o aluno possa viver experiências de leitura e de escrita sistematizadas. Esse projeto coletivo deve ser implementado a partir de atividades interessantes capazes de ultrapassar e vencer os limites dos muros da escola. O leitor somente adquire as competências próprias do ato de ler e escrever quando bem orientado. Assim, esse projeto de incentivo à leitura e à escrita abrirá os caminhos para que os alunos possam descobrir o verdadeiro valor da leitura, melhorando não só o rendimento escolar, mas, acima de tudo, adquirindo as possibilidades e oportunidades de se posicionarem criticamente diante dos enfrentamentos do mundo em que vivem e coexistem com tantos outros sujeitos.

Nessa perspectiva de trabalho coletivo, conjunto, implementando intervenções que se traduzam em aprendizagem, os professores, em suas práticas pedagógicas diárias, precisam contribuir para o desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores competentes de

seus alunos para que eles possam, enfim, entrar em completa intimidade com o texto, com as palavras, com os conteúdos apresentados, estabelecendo múltiplos sentidos e significados para sua própria vida pessoal, social e acadêmica.

Segundo SOARES, é obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2002, p. 6).

METODOLOGIA

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, com alguns procedimentos quantitativos. A integração entre a pesquisa qualitativa e quantitativa nos garante a possibilidade de analisar com mais fidelidade a situação, fazendo o cruzamento entre os dados estatísticos e o que observamos. De acordo com Girlene Portela (2004), as vantagens de se integrar os dois métodos está, de um lado, na explicitação de todos os passos da pesquisa, de outro, na oportunidade de prevenir a interferência da subjetividade do pesquisador nas conclusões obtidas. Assim, iniciarei o trabalho com uma pesquisa dos resultados obtidos nas avaliações externas dos alunos da Escola Municipal Pio X, a exemplo dos últimos dados do IDEB e a observação das condições de letramento das turmas de 6º ano que chegam à escola para, a partir daí, aplicar um projeto de intervenção pedagógica que vise resolver o problema desde onde ele se inicia dentro do ambiente escolar.

A metodologia proposta nesse projeto pressupõe o fazer pensar, sentir, trocar, fazer de modo crítico, criativo, significativo e prazeroso, desenvolvendo as potencialidades dos alunos não apenas no campo da racionalidade, mas também das emoções e das habilidades artísticas. Com o intuito de desenvolver nos alunos competências de leitura, linguística e de produção; e possibilitar a vivência de emoções e o exercício da fantasia e da imaginação através da leitura e produção de fábulas, pretende-se, também, disponibilizar aos alunos materiais que deem a sustentação necessária para que o trabalho seja produtivo. Por se tratar de um projeto de intervenção pedagógica, envolvendo adolescentes na faixa dos 10 aos 13 anos de idade, a primeira coisa a ser feita será tornar os gestores e professores da escola cientes do projeto e em seguida marcar reunião com responsáveis dos alunos para que tomem consciência das condições da turma, da necessidade do projeto e autorize a participação dos alunos no mesmo, o que será feito através da assinatura dos responsáveis em termo de autorização.

DESENVOLVIMENTO

Escrever, de acordo com o dicionário HOUAISS (2001:1210), significa "representar por meio de caracteres ou escrita; fazer tetras; narrar, descrever, contar por meio da escrita; exercer o ofício de escritor". Mas, esse conceito de escrever abrange o saber utilizar-se de caracteres, narrar, contar, descrever? E como pode ser interpretada a expressão "exercer o ofício de escritor"? Apesar de ser possível relacionar tal expressão ao uso competente da escrita, ela, da forma em que está elaborada, pode ser interpretada apenas como o exercício profissional do escritor. Assim, os sentidos apresentados ao que é escrever, no referido dicionário, parece estar mais voltado ao sentido de escrever em favor da perspectiva de alfabetização do que de letramento.

Do ponto de vista do letramento, escrever vai muito além da tecnologia de colocar letras no papel: desse modo, implica a apropriação da competência escrita, apropriar-se dela como competência própria. GERALDI (1997) diz que há muito já tem defendido que a produção escrita envolve saber o que, para que, para quem e como escrever. Afinal, é no exercício de escrita que envolve a autoria, a criação, que o sujeito/escritor precisa saber articular todos esses planos: do conteúdo (o que dizer) e da expressão (como dizer), da motivação (para que dizer) e da perspectiva de seu(s) interlocutor(es) (para quem dizer).

Segundo DEMO (1996: 1), "o que não se elabora não se muda". Nesse sentido, e preciso ter em mente que a reflexão passa pelo trabalho elaborado. No espaço profissional, por exemplo, logo que se relata por escrito uma ideia, o texto será submetido a outros profissionais para a análise. E no contexto escolar, onde o ensino da língua tem como objetivo desenvolver a habilidade de leitura e escrita no aluno tomando-o um leitor e um escritor competente. Infelizmente, isso não ocorre. Aprender a escrever com competência exige leitura, pesquisa e compreensão do tema a ser exposto e, para isso, e preciso dedicar-se ao assunto do qual se vai discutir e redigir; logo, e necessário permitir ao aluno a busca de informações sobre o tema, para que ele tenha conhecimento sobre o assunto. Afirma DEMO (1996) que "ler é escrever" e ainda mais: escrever também e ler, porque assim conseguimos compreender, analisar e tirar conclusões daquilo que conhecemos e escrevemos a respeito. Mas, na escola, o professor propõe redações e espera que o educando a faça e ponto final, sem ter feito leitura previa ou estudado a tema. Com isso, esquece que e por meio da escrita do outro que, durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tomando suas as palavras do outro (BACKTHIN, 1992). E, para aprender, e

preciso ultrapassar o mero olhar ao que está escrito. Afinal, assimilar passivamente o conteúdo não basta, porque a leitura inclui a desenvolvimento da competência de compreender que S8 constitui em: interpretar, refazer e reelaborar a que foi lido. (DEMO, 1996). Assim, nos tornamos competentes em qualquer assunto, pois, o domínio da língua é fundamental para a exercício da cidadania, porque e através do usa competente da língua que a homem se comunica, se expressa, defende seus pontos de vista, obtém a informações e produz novas conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nova proposta de ensino: ensinar para a vida e para o exercício da cidadania, conhecimento para ser utilizado fora dos muros escolares. Desse modo, ratifica-se o conceito de texto atribuído a GERALDI (1997:135): "é no texto que a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões." Tudo isso quer dizer que a escrita deve ter significado para o educando, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nela, e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a sua vida. Desta forma, poderemos estar certos de que a escrita representara, para ele, não é um mero exercício de mãos e dedas, mas uma forma nova e complexa de linguagem. (VYGOTSKY, 1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto escolar, uma das questões que se associam às dificuldades de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa diz respeito à reescrita de textos. Os alunos produzem textos na escola para obtenção de nota, escrevem a partir de suas ideias e são avaliados, dificilmente o aluno retoma seu próprio texto, poucas vezes “passam seu texto a limpo” para entregar ao professor. Em suma, os professores trabalham pouco com a reescrita, e quando trabalham o fazem por meio de correções superficiais, onde ocorrem apenas a higienização do texto e pouca importância é dada à reflexão sobre o que o aluno escreve.

Muitas pesquisas já foram feitas a respeito e uma das constatações que se deve pontuar é: porque se trabalha tão pouco com a reescrita na escola? Os professores alegam excessiva

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

carga horária de trabalho semanal, falta de tempo para corrigir grandes quantidades de textos. Dentre essas dificuldades apontadas, existem também as de ordem metodológicas que correspondem à produção e correção de textos.

A partir das considerações supracitadas, pode-se dizer que o professor esteja “confuso” em relação à correção de textos, como de fato corrigir o texto do aluno? Qual metodologia poderá ser eficaz, considerando as condições de trabalho docente? Num passado não tão distante, foi fruto de discussões a ideia (errônea) de que o aluno não precisava ser corrigido, importante era que o aluno produzisse textos criativos, que tudo era um processo em construção. Assim, a intervenção do professor ficou de lado, seu papel enquanto mediador de conhecimentos ficou à margem, em relação às redações escolares, onde a preocupação passou a ser apenas a atribuição de notas.

E hoje, o professor necessita retomar a importância da sua intervenção no texto do aluno. Como corrigir? Como orientar a reescrita do aluno?

A partir da concepção de escrita como um processo contínuo e complexo, Gonçalves (2013, p. 10) nos diz: [...] o texto do aluno é sempre compreendido como provisório, sujeito a várias (re)escritas que, no contexto escolar, são, preferencialmente, provocadas e mediadas pelo professor. É desejável que a prática contínua de reescritas torne o aluno capaz de, em contextos não escolares, realizar refações.

Primeiramente o professor deve compreender o texto como objeto a ser retrabalhado, e a correção apenas uma das etapas da produção textual. Da mesma forma, deve-se considerar que a reescrita é parte integrante da escrita.

E então, para que seja possível o trabalho de reescrita se faz primordial o reconhecimento do professor sobre os diferentes instrumentos de intervenções possíveis nas produções dos alunos.

Para enriquecimento teórico-metodológico a respeito da reescrita buscamos nos fundamentar em várias leituras, citaremos a seguir dois tipos de correções. Ruiz (2013) destaca um tipo de correção utilizada pelos professores que é por ela chamada de textual-interativa, que consiste em comentários feitos pelo professor, geralmente após a escrita do aluno e realizados em forma de “bilhetes”:

Esses “bilhetes”, em geral, têm duas funções básicas: falar acerca da tarefa de revisão pelo aluno (ou, mais especificadamente, sobre os problemas do texto), ou falar, metadiscursivamente, acerca da própria tarefa de correção pelo professor (RUIZ, 2013, p.47).

Para a autora esta é umas das maneiras de intervenção altamente dialógica, incentiva a relação de interação entre os interlocutores. Por meio desta, o professor pode intervir no texto do aluno, escrevendo aquilo que as outras correções não dão conta, poderá explicitar de melhor forma o que realmente deve ser alterado por parte do aluno.

Diferenciando-se de Ruiz (2013), Gonçalves -Bazarim (2013, p. 22) propõe a correção interativa, por meio de listas: São, em suma, uma série de itens que caracterizam /estabilizam os gêneros em processo de transposição didática. Desse modo, defendemos, primeiramente, a utilização das Sequências Didáticas e, em seguida, a lista de controle/constatações como instrumento regulador da aprendizagem. A correção interativa (via lista) pretende suprir uma espécie de lacuna deixada pelas outras formas de intervenção no texto do aluno.

Gonçalves -Bazarim (2013, p. 22) têm como base para o desenvolvimento desta proposta, primeiramente o modelo de sequência didática proposto por Schneuwly e Dolz (2004), que consiste em um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.

REFERÊNCIAS

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2002.

GERALDI, João Wanderley. Portos de Passagem. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONÇALVES, Adair Vieira; BAZARIM, Milene. (Orgs.) Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

RUIZ, Eliana Donaio. Como corrigir redações na escola: uma proposta textualinterativa. 1 ed. São Paulo: contexto, 2013.

DEMO, Pedro. Elaborar e escrever. Brasília: UnB, 1996, mimeo.

HOUA1SS. Houaiss dicionário da língua portuguesa - Institute Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva.2001.